



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
LETRAS/PORTUGUÊS**

**LUCÉLIA ARAÚJO**

**REFLEXÕES SOBRE A MULHER NA POESIA DE MÁRIO LAGO**

**ARAGUAÍNA – TO**

2019

**LUCÉLIA ARAÚJO**

**REFLEXÕES SOBRE A MULHER NA POESIA DE MÁRIO LAGO**

Monografia de Conclusão de Curso de Graduação  
em Letras - Português apresentada à Universidade  
Federal do Tocantins - UFT, Campus Universitário  
de Araguaína.

Orientador: Prof. Dr. Wallace Rodrigues

**ARAGUAÍNA – TO**

**2019**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

---

A663r Araújo, Lucélia .  
Reflexões sobre a mulher na poesia de Mário Lago. / Lucélia  
Araújo. – Araguaína, TO, 2019.  
37 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,  
2019.

Orientador: Wallace Rodrigues

1. INTRODUÇÃO . 2. MÁRIO LAGO E SUA OBRA POÉTICA. 3.  
REFLEXÕES SOBRE A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA. 4.  
ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA POESIA DE  
MÁRIO LAGO. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que  
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da  
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

LUCÉLIA ARAÚJO

REFLEXÕES SOBRE A MULHER NA POESIA DE MÁRIO LAGO

Monografia de Conclusão de Curso de Graduação  
em Letras - Português apresentada à Universidade  
Federal do Tocantins - UFT, Campus Universitário  
de Araguaína.

Orientador: Prof. Dr. Wallace Rodrigues

Data de Aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Wallace Rodrigues (Orientador)

---

Profa. Ms. Danielle Mastelari Levorato

---

Profa. Ms. Lianja Soares Aquino

Dedico este trabalho a todos os meus familiares e amigos que estiveram ao meu lado durante esta trajetória, torcendo pela concretude desse sonho.

## AGRADECIMENTOS

De certa forma, este é o momento em que repensamos uma parte importante de nossa vida, lembrando gestos e palavras de incentivo e carinho durante o longo percurso da realização de uma graduação. Várias pessoas estiveram envolvidas nesta difícil, porém prazerosa, trajetória. Aqui passo a apresentá-las e agradecê-las.

Agradeço primeiramente a Deus, que foi minha maior força nos momentos de angústia e desespero. Sem Ele, nada disso seria possível. Obrigada, Senhor, por colocar esperança, amor e fé no meu coração.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional; por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados que sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Agradeço a minha família por todo amor e carinho. A minha amada mãe pelas as incansáveis orações. Meus tios Genivaldo, Maria Aparecida, Luzineide, muito obrigada por todo apoio e por sempre torcerem por meu sucesso. Agradeço também aos meus primos Luís Rodrigo, Larissa, Marcos, amo vocês.

Agradeço a minha segunda mãe Cássia que em todo esse percurso esteve me apoiando e torcendo por mim. Obrigada por todo amor.

Agradeço a todos os meus amigos que contribuíram direta e indiretamente nessa conquista. Obrigada por vocês cuidarem de mim. Agradeço em especial aos meus amigos João, Romário, Lucimar, Samuel, Elielson, Genylida e Daniela. Vocês são um presente de Deus na minha vida. Agradeço, também, as minhas colegas de turma Bruna, Vanessa e Lidiane. Nós estávamos sempre juntas, uma segurando a mão da outra. Obrigada por tudo. Amo vocês.

Meu agradecimento especial ao meu professor-orientador Wallace Rodrigues. Obrigada por todo conhecimento transmitido, pela paciência e dedicação.

Enfim, obrigada a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse sonho.

*“Sou como Edith Piaf: "Je ne regrette rien" (não lamento nada). Fiz o que quis e fiz com paixão. Se a paixão estava errada, paciência. Não tenho frustrações, porque vivi como em um espetáculo. Não fiquei vendo a vida passar, sempre acompanhei o desfile.”*

(Mário Lago)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso nasce de observações qualitativa a partir da poesia de Mário Lago e objetiva analisar três poemas desse autor ("Ai! Que saudade da Amélia", "Número um" e "Ela não voltou"), sempre tendo em vista a figura das mulheres em seus poemas. Utilizaremos a análise poética de Antônio Candido para tentarmos entender as representações das mulheres na poesia de Mário Lago. Esta pesquisa se coloca como teórica de cunho bibliográfico. Julgamos que este tema seja relevante para pensar as diferentes representações das mulheres nas artes brasileiras. Os resultados deste trabalho mostram que os poemas de Mario Lago analisados revelam as figuras femininas a partir de uma visão de um "malandro" típico da Lapa carioca, ressaltando que essa visão revela parte de sua criação poética. Lago coloca-se como um "malandro" para criar seus poemas musicados.

**Palavras-chave:** Poesia; Mulher; Mário Lago.

## ABSTRACT

This work of graduation conclusion brings qualitative observations from the poetry of Mário Lago and it aims to analyze three poems of this author ("Ai! Que saudade da Amélia", "Número um" and "Ela não voltou"), having always in view the figure of women in his poems. Hereby we will use the poetic analysis of Antônio Candido to try to understand the representations of women in Mário Lago's poetry. This research is placed as a theoretical one within a bibliographic perspective. We believe that this theme is relevant to think about the different representations of women in the Brazilian arts. The results of this work shows that the analyzed poems of Mario Lago reveal the female figures from a vision of a "malandro" typical of Rio de Janeiro's Lapa, emphasizing that this vision reveals only part of his poetic creation. Lago poses as a "malandro" to create his musical poems.

**Key-Words:** Poetry; Women; Mário Lago

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Capa do livro “A poesia de Mário Lago” .....	15
---	----

## **LISTA DE SIGLAS**

**DIP** – Departamento de Imprensa e Propaganda.

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**CNJ** – Conselho Nacional de Justiça.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 CAPÍTULO I. MÁRIO LAGO E SUA OBRA POÉTICA.....	17
2 CAPÍTULO II. REFLEXÕES SOBRE A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA .....	22
3 CAPÍTULO III. ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA POESIA DE MÁRIO LAGO.....	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
5 REFERÊNCIAS .....	36

## INTRODUÇÃO

Ator, radialista, escritor, autor de teatro, poeta, ator de cinema e TV, militante político, etc., Mário Lago foi extremamente ativo na vida cultural e política brasileira no século XIX. A obra artística de Mário Lago não é só literária, mas espalha-se por vários outros campos das artes.

A poesia de Mário Lago constrói diversas imagens da figura feminina, desde a mais recatada “Amélia”, até a moderna “Aurora”. Lago vai perfilando em seus poemas mulheres fortes, independentes, donas de si, que se entregam as suas paixões e não têm medo de viver.

Analisando o histórico-social da figura feminina, as mulheres nem sempre usufruíram dessa independência. Para entendermos melhor, baseamo-nos no que diz um estudo feito por Perrot (2007, p. 1):

Durante muito tempo, as mulheres foram objeto de um relato histórico que as relegou ao silêncio e à invisibilidade. São invisíveis, pois sua atuação se passa quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar. O espaço público pertence aos homens e poucas mulheres se aventuram nele. São invisíveis, pelo silêncio das fontes, porque, como são pouco vistas nesses locais públicos, pouco se fala delas.

Podemos verificar que a sociedade construiu um perfil comportamental para a mulher e criou fortes representações para elas. A mulher era privada de construir sua própria identidade e era vista como menos capaz do que os homens. Segundo Tedeschi (2008, p.123):

Esses discursos recorrentes exerceram influência decisiva na elaboração de códigos, leis e normas de conduta, justificando a situação de inferioridade em que o sexo feminino foi colocado [...] Assim, a desigualdade de gênero passa a ter um caráter universal, construído e reconstruído numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, e educação, o direito, etc. perpetuando-se através da história, e legitimando-se sob seu tempo.

Contudo, ocorreram grandes transformações ao longo dos anos e essa imagem de fragilidade da mulher foi sendo desconstruída. Em meados do século XIX, com o surgimento da revolução industrial, a mulher deixou de ser apenas a dona de casa, submissa aos afazeres domésticos e ao seu esposo, e saiu para ir trabalhar nas indústrias e nas fábricas.

As mulheres da atualidade ocupam-se de vários encargos: trabalham em empresas, chefiam famílias, casam-se por amor, enfim, participam ativamente de suas sociedades. Elas têm autonomia para fazer o que bem entenderem. Mas nem sempre foi assim. Para conquistar tais cargos e posições, foi necessário atravessar um extenso percurso de transformação histórico-cultural.

Portanto, buscaremos demonstrar nesse trabalho a perspectiva histórica da mulher no meio social, listando alguns processos da história geral nos quais a atuação feminina se apresentou de forma particular e importante, realçando a importância da mulher na sociedade.

Faremos uma breve análise de gênero, buscando verificar os papéis das mulheres na obra poética de Mário Lago. Os poemas aqui analisados encontram-se no livro “A poesia de Mário Lago”. Utilizaremos a análise poética de Antônio Candido para tentarmos entender as representações das mulheres na poesia de Mário Lago.

Colocaremos uma biografia de Mário Lago, sua história na arte poética, sua participação no Partido Comunista Brasileiro e sua atuação em várias formas de artes. Destacaremos em especial sua obra poética.

Também, buscaremos fazer uma análise da representação das mulheres colocadas na poesia de Mário Lago. Analisaremos os poemas: “Ai! Que saudade da Amélia”, “Número um” e “Ela não voltou”.

Para fazermos as análises, basearemos-nos no método utilizado por Antônio Candido no livro “Na sala de aula”, onde Candido sugere maneiras possíveis de se trabalhar com o texto poético, partindo da noção de que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com bases em pressupostos teóricos comuns.

[...] com maior ou menor minúcia conforme o caso as análises focalizam os aspectos relevantes de cada poema: às vezes a correlação dos segmentos, às vezes a função estrutural dos dados biográficos, às vezes o ritmo, a oposição dos significados, o vocabulário etc. Mas em todas elas está implícito o conceito básico de estrutura como correlação sistemática das partes, e é visível o interesse pelas tensões que a oscilação ou a oposição criam nas palavras, entre as palavras e na estrutura, frequentemente com estratificação de significados. (CANDIDO, 2005, p 5).

Esta pesquisa bibliográfica tem por objetivo refletir como a imagem da mulher é construída na obra poética de Mário Lago. Buscaremos não somente compreender as estruturas dos poemas, mais as tensões que os fazem ativos, assim como nos ensina Candido. Nesse sentido nossa análise será qualitativa.

Esse trabalho se dividirá em Introdução; Capítulo I – Mário Lago e sua obra poética; Capítulo II – Reflexões sobre a mulher na sociedade brasileira; Capítulo III – Análise das representações da mulher na poesia de Mário Lago; Considerações finais; e Referências bibliográficas.

## 2 CAPÍTULO 1. MÁRIO LAGO E SUA OBRA POÉTICA

Mario lago foi artista plural, intelectual e homem de verdade. Morreu aos 90 anos de complicações respiratórias, em decorrência de um enfisema pulmonar, na tarde do dia 30 de maio de 2002. Formou-se em Direito, mas só exerceu a advocacia por seis meses. Optou por vincular-se às inúmeras artes que fazem esquina com a música.

Poeta desde os 15 anos, seu estilo tendia ao parnasianismo. Teve programas nas rádios Mayrink Veiga e na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Participou como militante histórico do antigo Partido Comunista Brasileiro, o que lhe custou uma prisão por seis vezes.

Teatro, cinema, literatura, música, televisão. Mario Lago trafegava facilmente entre as várias linguagens das artes. Esteve em destaque em grandes novelas de sucesso da TV Globo, como: “Dancing Days” e “Pecado Capital”, entre outras.

Mario Lago tinha fortes vínculos com os avós paternos, de origem italiana. O apurado senso de humor, o gosto pela vida, o desejo de aventuras e, sobretudo, sua paixão pela música parecem fazer parte de sua herança genética.

Lago sempre tinha a companhia do avô nos passeios de bonde e nas idas às escolas. Ele era um grande contador de histórias. Também, ouviu muitas histórias do seu pai, o maestro Antônio Lago.

Adorava misturar-se entre os malandros, músicos e prostitutas do bairro boêmio da Lapa, no Rio de Janeiro. Esse universo causava grande fascínio a ele, em contra partida, desgostava a sua mãe Francisca Lago, que era uma mulher católica e conservadora.

A rebeldia, a liberdade, a boemia e a música foram traços fortes da personalidade de Lago. Velloso nos informa sobre esses traços se atrelarem às representações do masculino para Mário Lago:

As categorias da casa e da sua rua é que vão sustentar, de um lado, a cosmovisão do feminino – identificado com o domínio do privado e da submissão às regras sociais e morais e, sobretudo, à rotina; do outro o masculino, associado ao domínio público, das ruas, da liberdade, do risco, da rebeldia e da aventura. (VELLOSO, 2003, p.46).

Vemos que Mário Lago adotou um modelo claro da sociabilidade masculina que foi fortemente representada pelas figuras do pai e do avô materno.

Submissões, cumpri-as todas com meus pais [...] sendo filho único, não havia como escapar à doçura materna, aos apelos comedidos do velho. Mas a verdade é que, paralelamente, eu já forjava conceitos próprios, porque cedo me caíram às mãos livros que muito me elucidaram, da mesma forma que colocaram, por destino, frente a grandes músicos, as pessoas esclarecidas (LAGO *apud* VELLOSO, 1996, p. 76)

O gosto por livros se deu por meio de sua participação política no Partido Comunista, assim que ingressou na faculdade Nacional de Direito, em 1930. A boemia e a política fizeram parte da vida de Mário Lago desde muito cedo. Traços do avô anarquista e do pai maestro.

Nascido no bairro da Lapa, Mário teve uma educação pautada pelos padrões de classe média e da elite carioca. Ele estudou no Colégio Pedro II. Por gostar de frequentar os bordéis da Lapa, Mário acabou perdendo ano, já quase no fim do curso. Velloso (2003, p.47) nos diz que: “[...] nas suas memórias, a imagem das prostitutas enquanto amigas cúmplices, e, sobretudo, mestras na arte de sobreviver, remete à própria inteligibilidade da cultura boêmia”.

Em seus depoimentos concedidos à Mônica Velloso, Mário Lago conta que aprendera francês e literatura no bordel e não nas salas de aula. Considerava as prostitutas portadoras de grandes histórias, pessoas vividas, e, por esse motivo, ele desejava aprender suas experiências para melhor enfrentar as adversidades da vida.

Na realidade, nessa época, as mulheres deviam manter-se virgens até o casamento, enquanto os homens começavam cedo sua vida sexual. Mesmo depois de casado, o homem continuava a exercer livremente a sua sexualidade.

Mário Lago defendia que o bordel era um espaço de descontração, que não era usado apenas para o exercício da sexualidade, mas também para o encontro e troca de ideias entre amigos.

Em 1933, formou-se pela Faculdade Nacional de Direito. No entanto, abandonou a profissão de advogado para ser autor. Em seguida, ator de teatro de revistas. O teatro de revistas era considerado pela crítica como “teatro para rir”, sendo o oposto do “teatro sério”. O teatro de revista era uma tradição cultural da vida carioca, desde o começo do século XIX e era inspirado na linguagem das ruas e nos tipos

populares. Demandava um público que se identificava fortemente com os temas abordados, pois, referiam-se ao cotidiano.

Durante a atuação ditatorial do Governo Vargas, Mário ancorou-se na figura do malandro para comentar sobre o regime autoritário. Lago usava essa figura de malandro perspicaz, aquele que sempre era vitorioso nas difíceis eventualidades políticas e da vida. Para Lago, o malandro era mais do que um simples personagem. Na verdade, ele era tido como um recurso estratégico, tanto para safar-se da censura política do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP-, como para confrontar as vicissitudes ao longo da vida.

Mário Lago frequentava assiduamente os cafés do Rio de Janeiro, onde cultivava sua vocação de boêmio. Tinha a mente aberta para o mundo e era nesses cafés que os estudantes discutiam as obras de Marx, Engels e Lênin. Ele considerava essas discussões muito mais proveitosas do que as que aconteciam nas salas de aulas.

Lago vivenciou dois períodos de ditadura militar: o Estado Novo e o Regime Militar de 1964. Todas essas experiências foram relatadas em suas obras como: “Estórias de primeiro de abril”, “Reminiscências do sol quadrado”, entre outras.

Em seus escritos, Mário Lago recorria, ao tom satírico e humorístico, sempre usando a ironia para relembrar as detenções e interrogatórios que ele sofrera. Em uma de suas entrevistas, ele relatou que, no tempo da ditadura, usar o humor era uma estratégia de sobrevivência:

[...] todos eles [militares ligados ao período da repressão] já foram, eu continuo. Todos os riscos, e no fim de tudo... *Voilà!* Eles foram eu continuo. Talvez tenha tido humor. O ditador geralmente não tem humor. O ditador é obrigado a manter a cara feia. Por isso quase todo ditador usa óculos escuros, porque os olhos podem trair um momento de sensibilidade e de emoção [...] eu posso chorar a hora que quiser. Você chorando também descarrega... Todo mau humor que existe vai embora, fica só o bom humor, a maneira otimista de ver a vida (LAGO *apud* VELLOSO, 1997, p. 283-284)

Ainda, Mário Lago fortalecia a ideia de que a vida precisava ser motivada. Por isso, argumentava ele, que o humor era imprescindível. Ele buscava não levar a vida muito a sério e sempre sem medo dela.

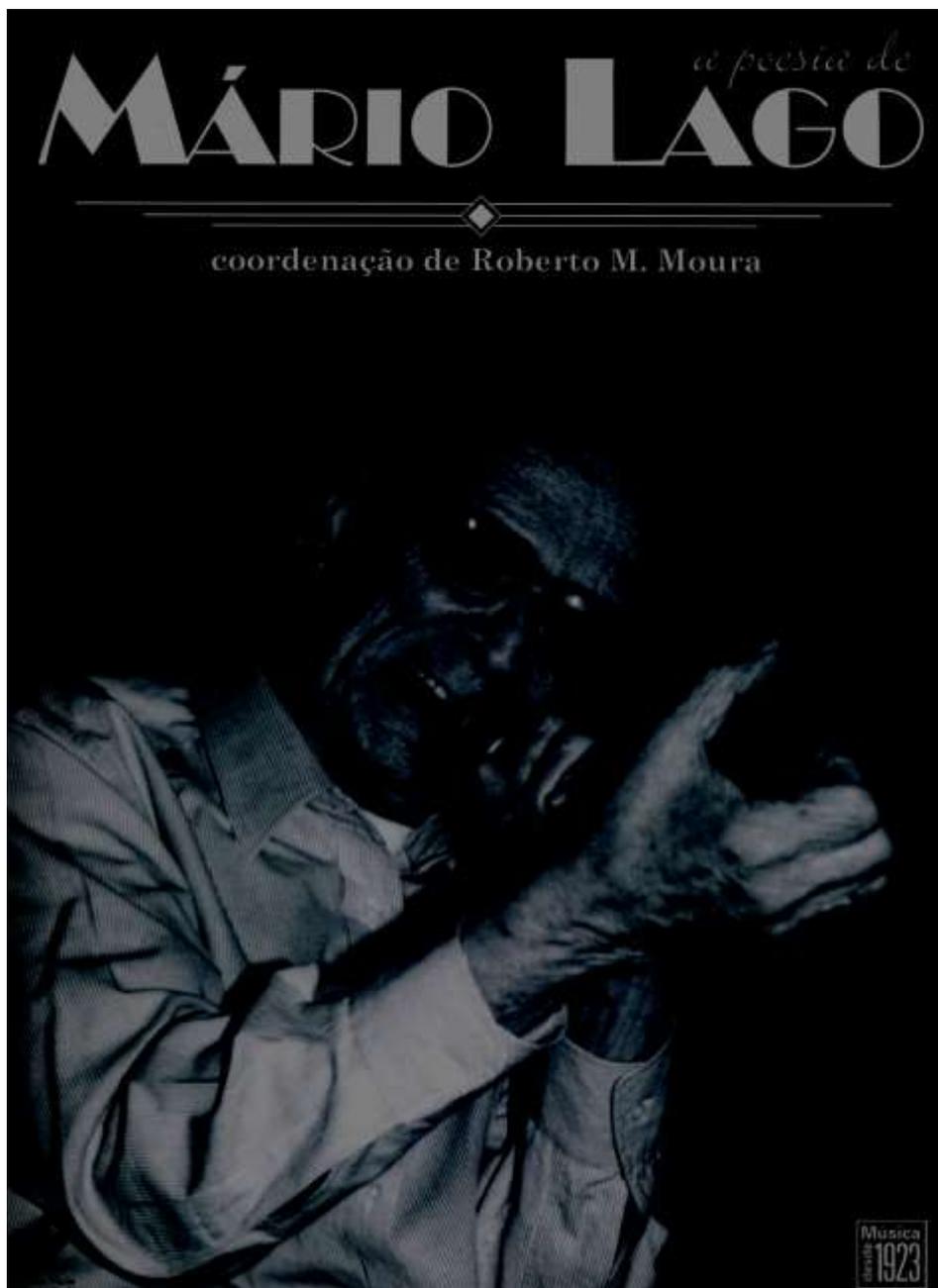
Apesar de Mário Lago, não ter tido uma carreira extensa no seio da música popular, ele foi considerado um dos galantes rapazes da época de ouro da música brasileira. Não se considerava cantor, mas, escreveu música como compositor. Em

suas composições, teve a parceria de figuras ilustres como Ataulfo Alves, Benedito Lacerda, Custódio Mesquita e Roberto Robert.

Uma das músicas mais famosas de Lago é “Aí, que saudades de Amélia”, composta em parceria com Ataulfo Alves. Essa composição foi alvo de grandes críticas pela sua indelicadeza misógina. Além de “Aí, que saudades de Amélia”, outras composições de Lago fizeram sucesso, tais como: “Atire a primeira pedra”, a carnavalesca “Aurora” (em parceria com Roberto Roberti), “Número um” (com Benedito Lacerda), entre outras.

O livro “A poesia de Mário Lago”, foi escrito postumamente por Roberto M. Moura, em homenagem a Mário Lago, e lançado pela editora Irmãos Vitale. A homenagem foi feita em forma de *Song book*, incluindo as letras e partituras. O livro é composto de homenagens feitas por seus filhos: Antonio Henrique Lago, Graça Lago e Mário Lago Filho.

Figura 1 - Capa do livro “A poesia de Mário Lago”.



Fonte: [https://www.google.com/search?q=imagem+da+capa+do+livro+a+poesia+de+mario+lago&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ah-UKEwjNzL\\_T2M3iAhWqJ7kGHbR7B84QsAR6BAgFEAE&biw=1366&bih=625#imgrc=](https://www.google.com/search?q=imagem+da+capa+do+livro+a+poesia+de+mario+lago&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ah-UKEwjNzL_T2M3iAhWqJ7kGHbR7B84QsAR6BAgFEAE&biw=1366&bih=625#imgrc=)

### 3 CAPÍTULO 2. REFLEXÕES SOBRE A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Durante muito tempo todas as referências ao feminismo descritos na bíblia, na arte, na moral, entre outras fontes históricas, foram executadas por homens. O sexo masculino sempre se colocava em superioridade ao feminino. O pensamento misógino está há séculos inserido, em muitos aspectos, nas culturas de muitas sociedades ocidentais. As mulheres, por muito tempo, foram silenciadas por discursos e atitudes de uma cultura que as definia como inferiores, frágeis, e que, a partir de um centro masculino de poder e saber as reduzia às margens.

Michelle Perrot (2007), no livro “Minha História das Mulheres”, aborda sobre uma “torrente de discursos” que trazem a mulher à cena e reconhece que esses discursos, são, em sua maioria, obra de homens e ignoram o que “as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam” (2007, p. 22). São estereótipos criados a partir de um olhar masculino e representantes de uma tradição de machismo e preconceitos.

Atualmente, tanto as mulheres como os homens ocupam os mais diferentes papéis na sociedade. Como as mulheres, desde as sociedades mais antigas, sempre foram excluídas, faz-se necessário exaltar a sua representatividade histórica e social.

Torna-se fundamental, portanto, conhecer a história das mulheres para se compreender a história atual e, assim, evidenciar as lutas das mulheres por meio das tensões e contradições que se estabeleceram em diferentes épocas, tempos e sociedades.

A sociedade brasileira possui uma fundamentação social historicamente patriarcalista. De acordo com Alencar e Mello (2011), a consolidação do modelo social que ainda impera no Brasil pode ser tida como resultado da influência cristã no país. As autoras informam em sua abordagem que, conforme o Brasil evoluiu, o seu processo de colonização foi demarcado categoricamente por uma série de princípios advindos da igreja e das tradições cristãs, principal doutrinadora desta cultura.

Com isso, é perceptível, ainda na atualidade, um modelo claro que impera na sociedade, onde a mulher tem pouca influência em seu campo de atuação, onde ela exerce poucos cargos de chefia, onde ela, acima de tudo, permanece, em boa parte de tudo o que faz. A mulher ainda é submissa à disposição de seu marido ou de seus pais e demais familiares do sexo masculino, para obedecer às suas vontades, seguir suas normativas, e não opinar, ou falar sobre o que lhe incomoda e/ou assusta.

Neste patamar, pode-se dizer, conforme nos informam Aparício, Mello e Oliveira (2014), que a atuação machista no Brasil ocorre de forma velada. Mesmo assim, ela marca, de forma considerável, a construção do todo histórico e destrói, de modo claro, a participação feminina na edificação de uma sociedade igualitária. O que se pode compreender com isso é que a participação feminina, em diversos aspectos do contexto social, foi, há quase todo tempo, a de coadjuvante, sem expressividades consideráveis. Confirma-se isso pela forma como a história é contada e pela característica deficiência de “heroínas” no contexto histórico nacional.

Em um aspecto mais humanitário, é perceptível que a condição social do Brasil ainda é de desigualdade. Indo primeiramente ao viés familiar, notamos que ainda é facilmente constatável o patriarcalismo como pressuposto à concepção do que se conhece como sendo a “família tradicional brasileira”. Nesse modelo familiar a figura do homem é colocada como a do provedor máximo de segurança, alimentos e saúde para o lar, enquanto a mulher figurativamente impera como a mãe, a que educa os filhos, a que é receptiva ao marido e que, implicitamente, tem sua vontade suprimida em prol do bem-estar de todos.

Longe de querer mencionar um novo modelo familiar, ressalta-se que, tecnicamente, não há um modelo familiar vigente e eficaz que se defenda, mas, pelo contrário, a ambição maior da defesa da questão feminista consiste justamente na possibilidade de fazer com que qualquer anseio da mulher, seja no relacionamento, ou no aspecto profissional, seja sanado. Assim, estando ela inclusa em um cenário familiar, a estrutura e a convivência deste ambiente não podem estar somente ligadas à satisfação dos desejos da figura masculina de seu cônjuge, mas que seja um local perfeito onde impere a harmonia e respeito às diferenças de pensamentos, anseios e gênero, arraigado a partir da valorização das potencialidades e virtudes da mulher.

O que se ambiciona dizer com isso é que, não é errado que uma mulher queira juntar-se em matrimônio com um homem, aliás, o objetivo maior que se observa na luta pelo reconhecimento e consolidação dos direitos da mulher é justamente esta, a de que a mulher pode ser quem ela quiser casar-se ou não, tornar-se mãe ou não, andar de cabelo curto ou longo, raspar ou não os seus pelos. É a vontade dela, sem julgamentos ou apontamentos que deve ser priorizada, respeitada e valorizada, se desprendendo das amarras do patriarcalismo e dos preconceitos que tanto resistem a se dissipar das bases da sociedade contemporânea.

As comemorações sobre o dia da mulher, comemorado no dia 8 de março, destacam-se de formas diferenciadas. As campanhas presentes em mídias televisivas e em redes sociais retrataram um tom mais de luta e apontam que há um longo caminho a se percorrer quanto à igualdade de gênero no país.

Segundo os dados de um levantamento realizado nos anos de 2015 e 2016 pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e divulgado em 2018, mostra que as mulheres têm buscado mudar esse cenário desfavorável de desigualdades em relações aos homens. De acordo com a pesquisa, quando o assunto é formação educacional, elas possuem a maior taxa de frequência no ensino médio em relação aos homens, 73,5% contra 63,2%. Já na formação superior, elas representam 23,5% entre as brancas contra 20,7% em relação aos homens da mesma cor e 10,4% entre as negras contra 7,0%, entre os homens.

Esses dados apontam que o processo de conscientização que vem ocorrendo de forma massiva em relação às reivindicações feministas tem ecoado positivamente entre as mulheres brasileiras.

No entanto, quando se trata do mercado de trabalho, a diferença de rendimentos era 26% menor em relação aos homens, ou seja, enquanto a média salarial delas era de 1.764 reais, a deles era de 2.306 reais, segundo a pesquisa. O pior cenário diz respeito a representatividade política, em 2017, as mulheres ocupavam apenas 10,5% dos assentos da câmara dos deputados, bem abaixo da média mundial que era de 23,6%.

Contudo, nada se compara a violência física sofrida pelas mulheres brasileiras. Segundo levantamento realizado pelo Instituto Datafolha em fevereiro deste ano, nos 12 meses anteriores, 1,6 milhão de mulheres brasileiras sofreu algum tipo de espancamento, enquanto outras 22 milhões sofreram algum tipo de assédio. Uma boa parte, cerca de 42% dessas violências, aconteceram no ambiente doméstico.

Contudo, de acordo com o entendimento de Garland (2019), mesmo cercada de todas as possibilidades de informação e de proteção legal, a mulher ainda está, em certos casos, à disposição de seu companheiro, ou familiares do sexo masculino. Isto porque, com a conjuntura atual, mesmo diante de todas as possibilidades de denunciar qualquer tipo de abuso e de obter proteção legal, ainda é muito grande o número de mulheres que morrem em decorrência da ação violenta de seus companheiros ou familiares.

De acordo a Dados divulgados pelo CNJ – Conselho Nacional de Justiça, em 2018, foram registrados 4.461 de feminicídios em todo o país, um aumento de 34% em comparação ao ano de 2016, quando se registrou 3.339 processos.

Este comportamento, que mostra tamanha crueldade para com o sexo feminino, encontra-se enraizado em uma cultura que é fundamentalmente machista e patriarcalista, onde a mulher é desvalorizada, onde ela é vista como submissa, menor, menos capaz e como ser não protagonista de sua própria vida e história.

De acordo com Andrade (2019), a percepção de que há caminhos diferentes a serem seguidos, de que há uma vida posterior aos ataques violentos aos quais a mulher está sujeita, são uma forma além da superação dos traumas, e uma bandeira que precisa ser levantada para que cada vez mais mulheres denunciem qualquer abuso sofrido.

Toda mulher tem o direito de ser respeitada, independentemente de sua roupa, de sua opção sexual, de seu corte de cabelo, de seu trabalho, etc. Desta forma, o que podemos mostrar é que os índices crescentes de violência no Brasil contra a mulher mostram-nos que estamos falhando em valorizar e proteger nossas mulheres. A sociedade brasileira deve dar o devido lugar de importância às mulheres, pois elas são capazes de dirigir suas vidas sem a interferência de pais, companheiros e maridos.

É possível entender que a participação feminina no processo de construção da história do Brasil não está restrita às boas donas de casa, às mulheres que satisfizeram seus maridos ou às mães que educaram seus filhos para se tornarem cidadãos de bem.

Neste ponto, Ferreira e Bonan (2018), citam o fato de que a condição da mulher na história, especialmente a sua ação coadjuvante é um retrato injusto, machista e patriarcal, da vontade do homem que, por sua vez, diminui a mulher e enaltece a si próprio, com o escopo de parecer ainda maior e mais eficiente. Não podemos esquecer que é o homem que escreve a história. A mulher precisa ter voz ativa e carece de espaço para contar a sua história também. Trata-se não só de autonomia, mas de direitos, de uma necessidade de voz que precisa ser levada a sério.

Entender que a participação da mulher, ao longo de todo o processo de criação da sociedade contemporânea foi limitada ao papel de simples coadjuvante, é o primeiro e mais importante passo na busca de reconhecimento e de igualdade de direitos. A possibilidade de luta por igualdade não pode ser silenciada em decorrência do cenário de absoluta violência e descaso em que a mulher se encontra.

No entanto, basta uma simples observada no contexto em cada um vive para que seja percebido o quão enraizado está o machismo em nossa sociedade e ver ainda a forma como ele está presente até mesmo entre as mulheres. Muitas dessas não reconhecem, na maioria dos casos, a sua relevância em um determinado contexto, ou que se calam diante de ameaças e agressões sofridas em qualquer esfera.

O mais importante ao discutir uma temática como esta é perceber que a luta da mulher por reconhecimento e respeito aos seus direitos, mesmo sendo depreciado – em alguns momentos – até mesmo entre as próprias mulheres, tem conseguido firmar-se no contexto social, como um movimento de representatividade que tem alcançado importantes conquistas em todo o cenário social. É a vontade de toda mulher ser tratada com respeito e dignidade, com igualdade salarial e ética laboral. Isso sem importar a sua forma de vestir ou as curvas que há em seu corpo.

#### 4 CAPÍTULO 3. ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA POESIA DE MÁRIO LAGO

Refletir sobre a questão “O que é poesia?” é sobremaneira uma tarefa difícil e se torna sempre inconclusa. Segundo o “Minidicionário Melhoramentos” (1997) poesia é a “Arte de escrever em versos”. No entanto, sabemos que nem todo texto escrito em versos deve ser considerado um poema. Tentar encontrar um significado para a arte poética vai contra a própria criação poética. Segundo Maria Luiza Saboia Saddi (2011, p.11):

Definir, explicar, classificar, normatizar o pensamento poético e a criação nas linguagens é como esquartejá-las para lhes entender o funcionamento e sugar-lhes a alma. Fazer isto em nome do entendimento já é um mal-entendido. Estabelecer normas estéticas se volta contra a própria criação poética que é uma das formas mais intensas luta contra a codificação dominadora. O caminho para o entendimento só pode ser o caminho poético.

A poesia é um gênero que possui certas peculiaridades, pois é literária, comumente conhecida por expressar de maneira profunda muitos dos sentimentos humanos, característica também presente na literatura em geral. Entretanto, ser expressão dos sentimentos humanos não tira desse gênero seu tom crítico, sendo também possível, por meio dele, analisar questões críticas e sociais.

Cada poema tem características peculiares em relação a outros textos literários. Nele todos os espaços de uma folha podem ser utilizados propositalmente para a criação de sentidos, como ocorre na poesia concreta. Ele é dividido em versos, que são cada uma das linhas do poema; e estrofes, que são um conjunto de versos de número variável.

Um poema tradicional tem ritmo, rima e métrica. O ritmo é obtido pela combinação dos versos, a rima é obtida pela disposição de uma última sílaba tônica com sonoridade parecida, e a métrica tem relação com a contagem das sílabas disponíveis em cada verso.

Buscaremos, nesse capítulo, olhar e buscar compreender as personagens femininas dentro dos poemas (originalmente escritos como letras de música) escolhidos do livro “A poesia de Mário Lago”.

Tentaremos analisar tais personagens femininas dentro do campo das tensões geradas por tais poemas e utilizaremos os seguintes poemas para análise: “Ai! Que saudade da Amélia”, “Número um” e “Ela não voltou”. Escolhemos estes três poemas do livro informado por eles se referirem de forma mais clara a personagens femininas.

Passaremos agora à análise do poema “Ai! Que saudades da Amélia”, composto por Mário Lago em 1940 e musicalizado por Ataulfo Alves. O poema que está sendo analisado é composto por quatro estrofes (quatro quartetos).

### **Ai! Que saudade da Amélia**

**Nunca vi fazer tanta exigência  
Nem fazer o que você me faz  
Você não sabe o que é consciência  
Não vê que eu sou um pobre rapaz**

**Você só pensa em luxo e riqueza  
Tudo o que você vê você quer  
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia.  
Aquilo sim é que era mulher**

**Às vezes passava fome ao meu lado  
E achava bonito não ter o que comer  
Quando me via contrariado  
Dizia: Meu filho, o que se há de fazer!  
Amélia não tinha a menor vaidade  
Amélia é que era mulher de verdade**

Na primeira estrofe o poeta se dirige a outra mulher usando o pronome de tratamento “você” (que não é Amélia), informando que ela é uma mulher exigente e que não compreende que ele é “um pobre rapaz”. Ele também faz uma comparação entre essa mulher (“você”) e Amélia, descrita posteriormente.

Na segunda estrofe o poeta diz que sua amada quer ter uma vida de “luxo e riqueza”, pois ela deseja tudo o que vê. Aí ele introduz a personagem de Amélia,

como sendo a mulher ideal. Quando o eu lírico se refere no verso 5 a “você só pensa em luxo e riqueza”, devemos levar em consideração o contexto sociopolítico e ideológico do momento no qual o poema foi escrito. Vemos manifesto no poema a crítica à mulher consumista e interesseira, que a sociedade patriarcal de 1940 condenava.

Vemos que há uma comparação entre dois tipos de mulheres. Esses elementos comparativos, enquanto partes da composição imagética produzida a partir do texto, dão força ao poema analisado. Veremos o que Antônio Candido (2005, p. 33) nos diz a respeito:

Assim como as partes do poema são elementos de um conjunto próprio, o poema por sua vez é parte de um conjunto formado pelas circunstâncias da sua composição, o momento histórico, a vida do autor, o gênero literário, as tendências estéticas do seu tempo etc. Só encarando-o assim teremos elementos para avaliar o significado da maneira mais completa possível (que é sempre incompleta, apesar de tudo).

Na terceira estrofe o poeta mostra sua vida de dificuldades financeiras, pois “passava fome”. O verso “E achava bonito não ter o que comer” revela um desejo de viver de amor, dentro de uma ideia de amor romântico que já vale por si mesmo e que a tudo suporta. Quando o poeta estava contrariado, Amélia o tranquilizava e compreendia tudo enquanto fatalidade da vida. Como “Amélia não tinha a menor vaidade”, ela não pedia nada em troca, somente amor. Daí seu valor para o poeta enquanto uma mulher ideal.

Devemos compreender que essa mulher submissa que aceita tudo, sem vaidades e que não lhe perturba a vida seria uma mulher perfeita para um boêmio, para um malandro da Lapa. Assim, temos que pensar, dentro desse poema, a tensão entre Amélia e o boêmio.

A figura do boêmio é descrita pelo “Minidicionário Melhoramentos” (1997) como: “**boêmio** *adj.* + *SM* Diz-se do indivíduo que leva a vida farreando e bebendo; vadio, folgado, vagabundo”.

No poema vemos que Mário Lago compara duas mulheres aparentemente muito distintas: Uma “perfeita” para um boêmio e outra que deseja ter algo na vida.

Passaremos, agora, para análise do segundo poema: “Número um”, escrito por Mário Lago e musicado por Benedito Lacerda. O poema que será analisado é composto por quatro estrofes.

**Número um**

**Passaste hoje ao meu lado  
Vaidosa, de braço dado.  
Com outro que te encontrou  
E eu relembrei comovido o velho amor esquecido  
Que o meu destino arruinou.**

**Chegaste à minha vida  
Cansada, desiludida  
Triste, mendiga de amor.  
E eu, pobre com sacrifício.  
Fiz um céu do teu suplício  
Pus riso na tua dor.**

**Mostrei-te um novo caminho  
Onde com muito carinho  
Levei-te numa ilusão  
Tudo, porém, foi inútil.  
Eras no fundo uma fútil  
E foste de mão em mão**

**Satisfaz tua vaidade  
Muda de dono à vontade  
Isso em mulher é comum  
Não guardo frios rancores  
Pois entre os teus mil amores  
Eu sou o número um.**

Quanto à forma, o poema é dividido em quatro estrofes, contendo seis versos cada. Quanto à combinação de rimas, o primeiro verso rima com o segundo, o terceiro com o sexto e o quarto com o quinto, podendo ser ilustrado do seguinte modo AABCCB.

Quanto ao conteúdo, o poema fala do reencontro do eu lírico com um ex-amor, esse ex-amor agora estando ao lado de outra pessoa. Essa figura amada do eu lírico podemos inferir que é uma mulher pelos adjetivos de referência que o eu lírico utiliza estarem no feminino, como no trecho “passaste hoje ao meu lado vaidosa”.

Na segunda estrofe o eu lírico relembra o momento em que encontrou o seu ex-amor. Segundo ele essa mulher se encontrava “mendiga de amor” e, de acordo com ele, fez tudo o que era necessário para resolver os problemas dela.

Na terceira estrofe e na quarta estrofe o eu lírico começa a se lamentar e a distribuir ofensas ao seu ex-amor, dizendo que ela era fútil e que ela ainda passará de mão em mão. Ele complementa dizendo que isso é coisa comum para mulher.

No referido poema podemos ver, com clareza, um reflexo do machismo presente na nossa sociedade. Quando o eu lírico fala que é comum a uma mulher ter muitos parceiros, ele atrela a este comentário muitos pensamentos pejorativos. Na nossa sociedade também é comum um homem ficar com várias mulheres, contudo ele é visto como viril. No caso das mulheres elas são vistas como “prostitutas”, “putas”.

Vemos que este poema apresenta a mulher do modo que é comumente vista em nossa sociedade uma mulher que escolhe amar a quem lhe interessa e deseja. Se vivemos em uma sociedade onde os homens não são julgados pejorativamente por terem muitas parceiras, a mulher também não deve.

Obviamente, compreendemos que o poeta se utiliza da liberdade poética para elaborar uma figura feminina “mendiga de amor”, “vaidosa”, “fútil”, etc. Claramente Mário Lago remete-se às prostitutas em um bordel, pois a ideia masculina de que tal mulher sempre se lembrará dele como o “número um” somente serve para massagear o ego do eu lírico do poeta.

### **Ela não voltou**

**Acabei de jurar que morreu para mim a mulher que me abandonou**

**Acabei**

**Acabei**

**Toda aquela alegria que eu tinha comigo ela levou**

**Acabei**

**Até o violão que eu guardava com ela também se quebrou**

**Agora só resta a saudade que aquela ingrata deixou  
Agora só resta a saudade que aquela ingrata deixou**

**Quando ela fugiu de mim não fui,  
Não fui procurar  
Julgava que ela voltasse  
Pedindo pra ficar**

**Esperei, chorei, implorei  
Meu amor não voltou  
Agora só resta saudade  
Que aquela ingrata deixou.**

O título do poema o qual analisaremos aqui é "Ela não voltou", título este que já nos revela algo. Pelo título podemos compreender que o eu lírico estava à espera de alguém e este alguém não voltou. Pelo pronome "ela" imaginamos que este alguém seja uma mulher, que só pelo título ainda não podemos perceber o vínculo afetivo que tal mulher tem com o eu lírico.

O poema se inicia com o seguinte verso: "Acabei de jurar que morreu para mim a mulher que me abandonou". Neste verso podemos perceber um desprezo pela mulher que o abandonou. Tal desprezo o leva a utilizar a metáfora de que essa mulher morreu para ele. Entendemos que essa morte é metafórica, visto que quando alguém morre, morre para todos. Com isto, o eu lírico quer dizer que essa mulher, embora ainda exista, para ele é como se não existisse mais.

"Acabei / Acabei", estes versos dão visibilidade ao estado em que o eu lírico se encontra, e ele põe toda a culpa dessa situação na mulher que o abandonou, como nos mostra o verso a seguir: "Toda aquela alegria que eu tinha ela levou". O eu lírico novamente repete o verso "Acabei", intensificando a jura da morte da amada.

Sobre o mecanismo compositivo de repetição do verbo "Acabei" no poema, Antônio Candido nos diz que:

Esses movimentos do poema penetram no subconsciente do leitor devido a uma espécie de sedimentação dos modos e tempos verbais, que primeiro nos puxam para o passado, depois nos atiram sobre o futuro. O argumento se torna assim experiência incrustada em nossa sensibilidade, por causa da insistência dos verbos e da maneira de os distribuir.

“Até o violão que eu guardava com ela também se quebrou / Agora só resta a saudade que aquela ingrata deixou / Agora só resta a saudade que aquela ingrata deixou”. Novamente o autor utiliza a repetição de versos para intensificar um sentimento do eu lírico. Desta vez ele fala sobre a saudade que restou e adjetiva a mulher que o abandonou como “ingrata”. Embora não saibamos os motivos que levaram essa mulher a ir embora, podemos inferir, a partir das expressões do eu lírico, uma relação amorosa entre ele e a mulher que o deixou.

“Quando ela fugiu de mim não fui / Não fui procurar / Julgava que ela voltasse / Pedindo pra ficar”. Nestes versos o eu lírico diz que a mulher que o abandonou fugiu dele, mas, de tão apaixonado, ele ainda espera que ela volte, apesar de jurar que acabou a relação amorosa entre os dois.

“Esperei, chorei, implorei / Meu amor não voltou / Agora só resta saudade / Que aquela ingrata deixou”. Essa última estrofe mostra que o rapaz sofreu muito com o fim do romance e que sua saudade ainda o faz lembrar-se dela e esperar que ela volte.

Por fim, acabam as esperanças do eu lírico. Após as últimas súplicas pelo retorno da mulher que o deixou, o eu lírico se coloca como alguém que lida com certos problemas emocionais, pois atribui a sua própria felicidade a responsabilidade de outra pessoa. Podemos inferir que a relação que ele proporcionava a essa mulher era, de certa forma, sufocante, já que depositava suas expectativas emocionais em cima dela e a chama, repetidamente, de “ingrata” por não responder àquilo que acredita merecer de retorno.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso buscamos compreender como as mulheres eram representadas na poesia de Mário Lago. Especialmente em três poemas escolhidos do livro “A poesia de Mário Lago”. Esses poemas foram: “Ai! Que saudade da Amélia”, “Número um” e “Ela não voltou”.

Buscamos utilizar o método analítico de Antônio Candido, exposto em seu livro “Na sala de aula”. Tal método busca encontrar as tensões e movimentos dentro dos poemas, dando a compreender a “estrutura como correlação sistemática das partes” que compõem o poema (CANDIDO, 2005, p. 15).

Verificamos que a boemia e a política fizeram parte da vida de Mário Lago desde muito cedo. Traços do avô anarquista e do pai maestro que influenciaram Mário Lago.

Vemos que as criações poéticas aqui apresentadas revelam o apego de Mário Lago à cultura boêmia, mostrando as mulheres a partir de uma visão de “malandro da Lapa”. Obviamente que essa visão poética é uma construção influenciada a partir das vivências de Lago com músicos, prostitutas, gente da noite, etc.

Lembramos que Mário Lago foi considerado um dos galantes rapazes da época de ouro da música brasileira. Pensando nisso, podemos inferir que as figuras femininas nos poemas analisados mostram mulheres que faziam parte da vida de um boêmio e malandro carioca.

Enquanto Amélia é a oposição da outra mulher que “só pensa em luxo e riqueza”, sendo considerada a mulher perfeita para viver ao lado de um malandro, já que este tem uma vida de ganhos incertos e pouco frequentes.

No poema “Número um” vemos uma mulher que estava ferida por um amor despedaçado e que teve suas feridas curadas pelo poeta. No entanto, tal mulher não o tem como o homem ideal e parte para outras aventuras amorosas.

Também, no último poema, “Ela não voltou”, o eu lírico sente-se abandonado pela mulher que ele tanto amava. Ele agora somente tem a saudade como companheira.

Vemos que nos três poemas a mulher está sempre em situação de companheira do malandro, podendo ser perfeita, ingrata, vaidosa, exigente, perfeita, etc., entre tantos outros adjetivos. Essas mulheres apresentadas são, claramente, criações poéticas.

No entanto, não podemos esquecer que esses papéis femininos não estão muito distantes das realidades de nossa sociedade, onde a mulher ainda ganha menos que os homens para executar o mesmo trabalho, onde as mulheres são assassinadas diariamente, onde as mulheres são vistas como objetos de propriedade de seus maridos e namorados, etc.

## 6 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Daniele Nunes de; MELLO, Marília Montenegro Pessoa de. **A Lei Maria da Penha e sua aplicação na cidade de Recife: uma análise crítica do perfil do “agressor” nos casos que chegam ao Juizado da mulher (anos 2007-2008).** Sociais e Humanas. v. 24, n. 02, p. 09-21, jul./dez. 2011.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **A ilusão da segurança jurídica: do controle da violência a violência do controle penal.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2019.

APARÍCIO, Ingrid; MELLO, Kelli; OLIVEIRA, Patrícia de. **Desenvolvimento de carreira: O papel da mulher nas organizações.** Cadernos de Administração, v. 1, p. 130-148, mês, 2014.

CANDIDO, Antônio. **Na sala de aula: caderno de análise literária.** São Paulo: Ática, 2005.

FERREIRA, Claudia. BONAN, Claudia. **Mulheres e Movimentos.** Revista Brasileira de Letras. 2018.

GARLAND, David. **A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Revan, 2008.

IBGE. Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Biblioteca do IBGE**, p. 1-12, março 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** ÁVILA, Rebeca Contrera (trad.). Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/>> Acesso em: 10 de outubro de 2018.

LAGO, Mário. **A poesia de Mário Lago.** Coordenação de Roberto M. Moura. São Paulo: Irmãos Vitale, 2003.

MELHORAMENTOS. **Melhoramentos minidicionário da Língua portuguesa.** Ed. 35 34 33 32 31 30. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

VELLOSO, Monica. **Um passageiro inquieto no tempo**: A trajetória de Mário Lago. *Gênero*, Niterói, v. 3, n.2, p. 43 – 55,1. Sem. 2003.

SADDI, Maria Luiza Sabóia. **Os desenhos no céu**: sonho e poesia. IN: Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP). 2011, Rio de Janeiro, pág. 4000 a 4012.